

Pequena Conversa acerca da Feitiçaria

por Hermínio C. Miranda

Um desses dias, sentou-se à minha frente, no ônibus elétrico, uma senhora que trazia um exemplar do “*Saturday Review*”. Vinha na capa o título de um dos artigos: “*When space travel was witchcraft*”, ou seja: “No tempo em que as viagens espaciais eram feitiçarias”.

Não tive a oportunidade de ler o artigo e ignoro se a terei, pois nem sei ao certo de que data era a revista, mas aquele título acendeu uma luzinha nesse maravilhoso computador que todos temos na mente.

O feitiçeiro é, portanto, uma pessoa que possui certo conhecimento, usualmente tido por “oculto”

Antes de tudo, o que vem a ser feitiçaria? Todos nós ouvimos histórias de feitiçeiros medievais que realizavam seus prodígios, ora em benefício de alguém, ora em prejuízo. A Enciclopédia Britânica esclarece que a palavra inglesa para feitiçeiro (witch) tem a mesma raiz semântica de “wit”, que, por sua vez, quer dizer: saber, conhecer. O feitiçeiro é, portanto, uma pessoa que possui certo conhecimento, usualmente tido por “oculto” por não ser revelado a todos. Já em português, a palavra feitiçeiro vem do feitiço, que os dicionaristas decompõem em *feito* mais *ço*. O feitiçeiro seria então aquele que, na linguagem popular, arranja “uma coisa feita”. É preciso lembrar que feitiço também se associa à palavra “fetiche”, que serve para nomear o objeto de adoração entre os selvagens.

Aí por volta do século XV, o termo feitiçaria passou a ser empregado para designar os mágicos em geral, adivinhos e



videntes. É ainda na tão sólida e conceituadíssima Britânica que vamos colher esta observação de profundo sentido filosófico. Diz lá que quando a prática se realiza, “em nome da divindade de uma das religiões estabelecidas, chama-se profecia; quando, porém, é feita em nome de um deus pagão, é mera feitiçaria”. Tudo depende, pois, do ponto de vista em que se coloca a pessoa que aprecia o fato. No histórico incidente entre Moisés e os mágicos do faraó, fica bem evidenciada essa verdade. Enquanto a versão bíblica considera os mágicos egípcios à sua moda, a versão demótica do incidente retrata Moisés como miserável bruxo estrangeiro que os próprios egípcios haviam salvado das águas.

Na Inglaterra, segundo Lorde Coke, a definição oficial de feitiçeiro é, “a pessoa que confidencia com o Demônio para consultá-lo ou praticar alguma ação”. Também é uma definição muito curiosa esta.

No fundo, o que os espíritas vemos nisso tudo é que assim como a Alquimia esteve nas origens da Química e da Física, e a Astrologia foi o germe de onde emergiu a Astronomia, a prática ainda rudimentar e primitivas das artes divinatórias era, no fundo, o alvorecer da mediunidade na raça humana. A única diferença é – como frisa a Britânica – que, quando essas práticas são realizadas pelas religiões institucionalistas, são chamadas de profecia, e, quando por qualquer outra religião, passam por feitiçaria pura e simples.

Também os fenômenos mediúnicos de cura, da clarividência, da levitação, da

psicografia e da xenoglossia, quando ocorrem com Santos da Igreja, são milagres de pessoas tocadas pela graça. Quando, porém, acontecem com os que se acham fora do círculo sagrado, então é feitiçaria ou prática demoníaca. Às vezes, os senhores teólogos cometem enganos sérios, por não terem distinguido bem, à primeira vista, de que lado deveriam colocar a coisa. Um exemplo dramático dessa dubiedade temos em Joana D’Arc, que foi oficialmente herética e feitiçeira e, depois, tão oficialmente quanto da primeira vez, canonizada. As vozes que dantes ouvia eram do demônio, sob um dos seus mil disfarces diferentes. Depois de reexaminado

o processo, foi tudo isso desfeito, com muita habilidade e abundantes dissertações canônicas, mas ao expectador bem atento não escaparão as escamoteações praticadas à vista do respeitável público.

Não digo isso para atacar ninguém, nem instituição alguma: são os fatos da história e não há como revogá-los; podemos apenas reconstituí-los.

A Inquisição queimou grande número desses pobres seres que, por contingências cármicas, nasciam com faculdades mediúnicas. A mediunidade, aliás, é uma das mais belas e das mais difundidas faculdades do ser humano. No entanto,

quando essas práticas são realizadas pelas religiões institucionalistas são chamadas de profecia



ESCLARECIMENTO

milhões de pessoas sofrem de males psíquicos e físicos por não terem conhecimento desse problema e, por conseguinte, não estarem em condições de desenvolver harmoniosamente seus recursos mediúnicos e canalizá-los para o exercício sadio e controlado. Em lugar disso, ficam à mercê de influências de que nem sequer suspeitam e levam uma existência inteira, ou mais de uma, atormentadas por doenças misteriosas, temores incompreensíveis, joguetes de emoções incontroláveis, de estados de depressão e euforia inexplicáveis. Se dispõem de recursos materiais, vivem numa peregrinação permanente, de consultório em consultório, sem jamais atinarem com a causa real dos males que as afligem, quando poderiam facilmente identificar essa causa e remover os seus efeitos daninhos.

Mas isso é outra história. Falávamos, no início, sobre o tempo em que as viagens espaciais eram consideradas como feitiçaria. Há uma lição muito profunda nisso. A orgulhosa ciência de hoje está cheia de “conquistas” que, ainda há poucos séculos, eram pura feitiçaria. Quem ousaria, na Idade Média, imaginar uma viagem à Lua? Quem seria capaz de proclamar a possibilidade de seres inteligentes, em outros corpos celestes, além da Terra? Quem poderia experimentar, como aquele cientista americano, com o poder da prece sobre o crescimento das plantas? ou com o cogumelo “amanita muscaria”, como o Dr. Andrija Puharich? ou com a hipnose médica, hoje tão difundida?

Não faz muito tempo, Pasteur enfrentou o desprezo dos inquisidores da Ciência que não

podiam admitir a existência do germe. Bastava formular uma hipótese científica acerca da circulação do sangue, como Miguel Servet, para ficar sob franca suspeição. Para Celso, que revolucionou a Medicina de seu tempo e discorreu até acerca da mediunidade e da escrita automática (psicografia), andou às turras com a Inquisição. Também Erasmo, o humanista máximo que avulta como um gigante intelectual no século em que viveu, conseguia, às vezes, polarizar as antipatias tanto de um lado, da Igreja, como das facções que se lhe opunham. Eram homens que pregavam coisas novas e revolucionárias que, como filhas espúrias do intelecto, não haviam ainda merecido a graça de ficar ao abrigo material da ciência oficial ou

Para quem olha a coisa superficialmente, isto é mistério profundo. O que vemos, em última análise, é que a Ciência não progride com a velocidade que seria de se esperar dela. Afinal de contas, o conhecimento humano acumulado traz em si mesmo um fator de aceleração, pois que, como dizia Lavoisier,



Louis Pasteur (1822-1895)

Pasteur enfrentou o desprezo dos inquisidores da Ciência

da Teologia. Esse é o exemplo constante, repetido, cansativo da História.

Já era tempo de ter sido corrigida essa curiosa deformação do espírito humano. Alguns grupos se apossaram do que lhes parece ser a Verdade e tudo quanto esteja fora daquele círculo está errado ou, na melhor das hipóteses, não tem méritos para receber o “*Nihil Obstat*” dos cardeais das Academias de Ciência.

“nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Inventar é descobrir novas combinações de idéias e de fatos preexistentes. Mas, se do inventário que fazemos das idéias excluimos exatamente aquelas que nos asseguram a existência do Espírito e nos ensinam algumas leis acerca do seu funcionamento, como é que vamos descobrir novas combinações que levam avante a Psicologia, a Medici- ▶

na, a Sociologia, a Moral? Como?

O que acontece, na realidade, é que os cientistas que já atingiram esse patamar do conhecimento humano, onde a existência, preexistência e sobrevivência do Espírito são concepções pacíficas e indiscutíveis, ainda não têm nas mãos o comando do mecanismo científico da Humanidade. A despeito de possuíres conhecimentos muito mais avançados que os homens das academias oficiais, vivem marginalizados e o máximo que concedem aos colegas é um sorriso de compaixão superior. Também isto não é difícil de entender. Esses vanguardeiros de hoje são os mesmos de ontem. Servet, que primeiro imaginou a teoria da circulação do sangue, numa época em que isso era inadmissível, poderá muito bem estar por aí reencarnado a pesquisar importantes questões suscitadas pela biologia do Espírito. Galileu, que proclamava a revolucionária teoria do heliocentrismo, deve andar hoje envolvido em aspectos transcendentais da medicina espacial, preparando a era de intercâmbio espiritual entre as diversas populações siderais. Para Celso, o chamado “médico maldito”, andar a estudar operações delicadíssimas no perispírito, a fim de que possam repercutir no corpo físico e corrigir deficiências deste. Os homens que fizeram a Reforma Protestante estarão hoje trabalhando na patrulha avançada do Espiritismo. Nasceram essas criaturas com a vocação invencível para o pioneirismo que desgasta, sacrifica, aniquila o homem quando está na carne, mas que o transfigura quando retorna ao mundo espiritual.

O grande problema é que aqueles espíritos que antigamente se sentavam ao lado dos inquisidores ou escreviam tratados para provar que a Terra era um bolo sustentado por doze elefantes já aceitaram a circulação do sangue, a esfericidade da Terra, o heliocentrismo, o Protestantismo, mas continuam nas poltronas acadêmicas e nas cátedras

Os que hoje recusam estas noções, acabarão por aceitá-las, senão daqui a 50 anos pelo menos em um século, ou dois, ou mil anos, não sei, pois que o tempo não conta muito para o Espírito eterno. Não sei quanto tempo levamos nós para aceitá-las... E como não se vê, nem mesmo uma vaga linha do Infinito, onde termina a evolução do ser

Os que lidam com os problemas da mediunidade ainda são atirados à vala comum

universitárias a combater tenazmente a existência do Espírito, a reencarnação, a possibilidade de comunicação entre os seres encarnados e os desencarnados, a mediunidade e tantas outras idéias que precisavam ser, quanto antes, incorporadas ao patrimônio das Verdades provadas.

Por isso, vemos Freud mergulhar nas profundezas do espírito humano, agarrar lá no fundo tantas genuínas pérolas e depois jogá-las fora, julgando-as falsas, para trazer cacos de vidro brilhante deixados por algum naufrágio milenar.

Por isso, os que hoje lidam com os problemas da mediunidade ainda são atirados à vala comum, de cambalhada com feiticeiros, mágicos, macumbeiros e bruxos.

A viagem espacial, que no passado era bruxaria, é hoje realidade que ninguém, em seu juízo perfeito, pode recusar. O mesmo acontecerá com a mediunidade, com a reencarnação, com a comunicabilidade dos Espíritos.

humano, ficamos a imaginar o tempo em que também perseguíamos o semelhante por causa de idéias novas ou ridicularizávamos por causa das novas doutrinas. Mas também sonhamos com o tempo futuro em que estaremos no plano onde se encontram hoje aqueles que, no passado, foram vítimas de nossas risotas e da nossa intolerância, pois que estes estão lá, muito além da linha do horizonte, como diria Alencar. ■

Fonte:

MIRANDA, Hermínio C. *Candeias na noite escura*. Pág. 55 a 60. Feb.